**ANALFABETISMO FUNCIONAL: UMA TRISTE REALIDADE NO BRASIL**

Dulcineia Costa de Jesus Lemos

Acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Montes Claros

Dulcineiac47@gmail.com

Sérgio Renato Oliveira

Doutorando em Produção Vegetal na Universidade Estadual de Montes Claros

renato.oliveira@ unimontes.br

**Eixo:** Alfabetização, Letramento e outras Linguagens.

**Palavras-chave**: Analfabetismo, Funcional, Leitura, Escrita.

**Resumo Simples**

**Introdução**

O presente trabalho aborda o tema - Analfabetismo Funcional- Uma triste realidade no Brasil. O presente estudo buscou contextualizar a atual realidade brasileira em relação a essa temática tão importante. O termo “analfabeto funcional" refere-se aqueles indivíduos que, embora tenham adquirido a capacidade de decodificar a escuta, não desenvolveram a habilidade de interpretação de textos. O Analfabetismo funcional no Brasil é uma realidade lamentável. Soares (2018) explica que se trata da incapacidade de compreender a empregar a leitura e a escrita de modo eficaz em diversas situações e ambientes, o que restringe a plena participação na sociedade. Isso é atribuído a qualidade dos sistemas de ensino, tanto público quanto privado, a remuneração insuficiente dos professores e a falta de hábito de leitura entre os brasileiros. Se faz necessário alfabetizar mais crianças com melhor qualidade de ensino, pois poucos são os brasileiros que conseguem ler, escrever e utilizar essas habilidades para continuar aprendendo. O Analfabetismo é um fator que intensifica as disparidades sociais e contribui para a marginalização de grupos vulneráveis, o que por sua vez dificulta o desenvolvimento econômico e cultural das comunidades afetadas. Muitos são aqueles que abandonam a escola por motivos como a necessidade de trabalhar, gravidez precoce ou simples desinteresse em relação às aulas. A ausência de políticas públicas eficazes para recuperar os estudantes que deixam a escola é evidente. Investir na capacitação das redes de ensino e na formação contínua dos professores é crucial para promover uma melhoria significativa na qualidade da educação oferecida. Para Ribeiro (2021), o Analfabetismo Funcional representa um desafio para as políticas educacionais do país. Diz o autor que a alfabetização tradicional, que se concentra apenas no ensino básico da leitura e da escrita não é suficiente para combater o analfabetismo funcional. Sem a leitura e a escrita as pessoas tem dificuldades em realizar ações simples do dia a dia, como conferir um troco ou ler manuais de instruções. Mesmo quem conhece as letras e os números, mas tem dificuldade em interpretá-los de forma mais profunda é considerado um analfabeto funcional. Para que um país supere o analfabetismo de jovens e adultos são necessárias estratégias como: programas de escolarização, uma educação básica de qualidade e condições sociais adequadas.

**Objetivo**

Nesse contexto, a seguinte pesquisa investiga quais os meios e os métodos usados para solucionar essa necessidade que afeta alunos em funções básicas do seu cotidiano. O presente estudo buscou contextualizar a atual realidade brasileira em relação a essa temática tão importante.

**Metodologia**

O caminho metodológico utilizado consiste em revisão bibliográfica onde buscou-se autores que fundamentam o tema.

**Resultado**

Foi observado que o Analfabetismo Funcional trás desigualdades sociais e dificulta o desenvolvimento econômico e cultural das comunidades em que se instala. Faltam políticas públicas que capacitem as redes de ensino para recuperar os estudantes que abandonam os estudos e investir na formação dos professores com capacitação de qualidade.

**Considerações finais**

Se faz necessário alfabetizar mais crianças com melhor qualidade de ensino, pois poucos são os brasileiros que conseguem ler, escrever e utilizar essas habilidades para continuar aprendendo.

**Referências**

Soares,M. Alfabetismo Funcional- Um problema persistente. Educar em Revista,34(67),249-262,2018.

Ribeiro,Lr- Analfabetismo Funcional e Políticas Educacional no Brasil. Caminhos possíveis. Revista Brasileira de Educação Básica, v. 6, N 2 p.125-144,2021.